



"MAS UM DIA EU CONSIGO EXISTIR E VOU VOAR PELO CAMINHO MAIS BONITO..." UM ESTUDO SOBRE A AUTOMUTILAÇÃO

Caroline Pianta de Paula¹, Mariane Ranzani Ciscon Evangelista²

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia, Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR, Maringá-PR. Programa de Iniciação Científica da UniCesumar (PIC). carol.pianta31@hotmail.com

² Orientadora, Doutora, Docente do Curso de Psicologia, UNICESUMAR

RESUMO

Em uma época em que o culto ao belo e ao que é estético se fazem tão presentes, a escolha de marcar o corpo, seja por meio de tatuagens, piercings, ou até mesmo automutilações, nos despertam interesse em identificar as questões que envolvem essa prática elegida, suscitando algumas questões. Afinal, o que é belo? O que pode ser considerado como corpo perfeito? Indivíduos que decidem por algum motivo marcar seus corpos podem ser considerados anormais? Uma das práticas mais difundidas sobre marcação de corpo, independente da forma escolhida para tal, é a automutilação. Diante deste contexto, este projeto se propôs a pesquisar o processo de automutilação em indivíduos aderentes a esta prática. Os dados utilizados foram entrevistas com participantes acerca de seu último episódio de automutilação. Os dados foram organizados por meio de Análise de Conteúdo e analisados a partir da teoria das representações sociais, responsável por todo o embasamento teórico da pesquisa. Os entrevistados fazem parte da comunidade LGBT+, em alguns de seus relatos pode-se perceber como a aceitação por parte de todos, inclusive do próprio indivíduo é importante. Um indivíduo que se propõe a sentir dor, a passar por um episódio de extrema angústia para aceitar quem ele é, ou se fazer aceito, em uma família ou em uma sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: automutilação; corte; dor; representações sociais.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a importância atribuída ao corpo físico tem sido característica marcante para vários grupos sociais. Padrões sobre o "culto da beleza" e do cuidar nos são impostos a todo momento. Neste contexto, nos é estranho e questionamos por que as pessoas decidem marcar seus corpos, seja com tatuagens, piercings, *body modifications* e automutilação. Em algumas sociedades é culturalmente aceitável realizar práticas que marquem o corpo, seja por meio de sinais na pele ou mutilação de algum membro ou tecido.

As representações sociais assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo assim modelos de pensamento e de comportamento relacionados a este que envolvem tanto aspectos relacionados à estética quanto à saúde corporal (JODELET, OHANA, BESSIS-MOÑINO et al 1980). Além disso, os autores também descrevem o corpo como mediador do conhecimento de si e do outro, que se estabelece a partir das relações sociais. A importância que cada indivíduo dá a seu corpo é estritamente ligada à forma como ele vê o seu corpo e preza por ele.

Neste trabalho, foi proposta a investigação sobre o tema com indivíduos de idades variadas, uma vez que a literatura sobre ele é escassa ou vinculada apenas à psiquiatria. Logo, possibilitar um estudo sob o foco psicológico sobre a dor psíquica e seus danos ao indivíduo é necessário, contribuindo, assim, para desmitificar o tema e seus praticantes. O



objetivo foi identificar as representações sociais do grupo de praticantes da automutilação sobre a dor e a automutilação.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter qualitativo. A coleta de dados se deu com participantes que, ao serem informados sobre a pesquisa, manifestarem interesse em participar do estudo. Neste caso eles também relataram seu último episódio e o descreveram. Nas entrevistas foi possível a apreensão de detalhes relacionados às emoções, menos prováveis de identificação nos relatos escritos. O Instrumento foi um roteiro semi-estruturado aplicado ao grupo de 20 indivíduos, contendo as seguintes questões: 1) Há quanto tempo você pratica automutilação? Como começou? 2) *Quais os sentimentos provocados em você antes, durante e depois do ato? Descreva-os* 3) *Com que frequência você realiza esta prática?* 4) *Relate seu último episódio de automutilação, como foi? Onde foi? Quais os sentimentos existentes no momento?* 5) *Já pensou em procurar ajuda ou tentar parar de realizar esta prática? Se sim, relate sua experiência.* 6) *Você tem contato ou sabe de outra pessoa que também seja praticante? Vocês conversam sobre a prática de automutilação?* O caráter de inclusão da pesquisa foi participantes maiores de 18 anos que já apresentaram ou apresentam a prática de automutilação. O caráter de exclusão foi participantes menores de 18 anos e que não apresentaram ou apresentam a prática de automutilação. Os dados foram organizados por meio da Análise de Conteúdo, dividindo as entrevistas em categorias temáticas a fim de encontrar similaridades e diferenças nas falas coletadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as 20 entrevistas realizadas, 11 foram homens e 9 foram mulheres, tendo ficado em equilíbrio a proporção de homens e mulheres. A faixa etária variou entre 18 à 27 anos. No que se refere à primeira pergunta *“há quanto tempo você pratica automutilação? Como começou?”* houve unanimidade na resposta, pois todos começaram a prática durante a adolescência.

Já na segunda pergunta *“quais os sentimentos provocados em você antes, durante e depois do ato? Descreva-os.”* os sentimentos são inúmeros, no entanto alguns aparecem com frequência nos discursos:

Quadro 1: Recortes da pergunta 2

Entrevistado 2	Antes me sentia angustiado, muita dor, amargura, após a automutilação sentia uma sensação de alívio e aconchego, ficava mais calmo e relaxado
Entrevistado 9	Angústia, dor, vontade de sair correndo, depois mudava, sentia alívio, sensação de completude.
Entrevistado 18	Me sentia triste, bem depressivo, ficava assim por dias até me cortar, ai tudo mudava, eu ficava bem de novo.

Fonte – Dados organizados pelos autores, com base nas respostas dos entrevistados.

Na terceira pergunta foi perguntado sobre a frequência desta prática, a maioria dos entrevistados respondeu que se automutila pelo menos 4 vezes ao mês.

Na quarta pergunta foi pedido para que os entrevistados relatassem seu último episódio de automutilação.



Quadro 2: Recortes da pergunta 4

Entrevistado 2	eu estava no trabalho, comecei a pensar nos problemas que estavam acontecendo comigo. Tomei varios remedios, porque definitivamente não dava mais. Mas a ansiedade era tanta que eu comecei a me cortar por diversão, até o efeito chegar. Ódio, decepção, fraqueza.
Entrevistado 19	Eu estava voltando da faculdade, chorando um monte, me sentindo um lixo de pessoa, não aguentei mais, cheguei em casa e me cortei. Aí fui melhorando, mas só depois que o sangue saiu.
Entrevistado 6	Eu tinha brigado com a minha mãe, ela odiava quando eu cortava o cabelo mais curto, falava que preferia uma filha morta do que um filho por cirurgia. Entrei no meu quarto e comecei a me cortar desesperadamente, a me bater mesmo, com a cabeça na parede. Tomei alguns remédios e fui ficando mais calmo, só lembro de acordar no outro dia.

Fonte – Dados organizados pelos autores, com base nas respostas dos entrevistados.

Na quinta pergunta foi questionado a respeito de procurar algum tipo de ajuda:

Quadro 3: Recortes da pergunta 5

Entrevistado 8	Não, essa é a primeira vez que falo disso com alguém.
Entrevistado 3	Depois da última crise resolvi procurar ajuda. Eu nunca achei necessário ir à um médico psiquiatra ou à um psicólogo, mas quando percebi que, apesar de estar conseguindo controlar as automutilações do dia-a-dia, não conseguia mais controlar as crises – não sozinha. Foi então que comecei a fazer terapia. Ainda sou contra tomar remédios para tal e não tenho muito a relatar sobre, pois faz apenas um mês que procurei uma psicóloga. Espero que ajude.

Fonte – Dados organizados pelos autores, com base nas respostas dos entrevistados.

Na pergunta seis os participantes responderam se eles tinham conhecimento sobre outro praticante de automutilação, todos responderam que já haviam escutado sobre outras pessoas, mas nunca falaram sobre isso.

4 CONCLUSÃO

Os resultados da pesquisa mostram que a prática de automutilação é realizada com frequência por pessoas das mais variadas classes e características, apesar de cada indivíduo apresentar uma razão própria para tal ato, uma fala bastante encontrada nos discursos foi sobre a sensação de alívio que a automutilação proporciona ao indivíduo. Grande parte dos entrevistados conta que antes de “se cortarem” sentem angústia, tristeza, mas que estes sentimentos desaparecem à medida que o “sangue sai”. Rotulamos tanto o perfeito, o belo, que ao nos depararmos com alguém que se propõe a mudar o corpo, a aparência por conta de sua orientação sexual nos parece errado, estranho ou até mesmo bizarro. Talvez por saberem disso os participantes da pesquisa não falam disso com outras pessoas, muito menos com outros praticantes, como o estudo mostrou. Um dos possíveis temas para pesquisas futuras é o trabalho do psicólogo junto à família do indivíduo, um auxílio para que saibam lidar e ajudar seu filho(a) nestes casos.

REFERÊNCIAS

CEDARO, José Juliano; NASCIMENTO, Josiana Paula Gomes do. Pain and jouissance:

stories of young women and selfmutilation. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 203-223, ago. 2013. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642013000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 maio 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642013000200002_



JODELET, D.; OHANA, J.; BESSIS-MONINO, C. et al (1980). *Système de representation du corps et groupes sociaux*. Paris: Laboratoire de Psychologie Sociale, EHESS.

JODELET, D. (2002). *Representações sociais: Um domínio em expansão*. Em D. Jodelet (org.), *Representações sociais* (pp. 17-61). Rio de Janeiro: EDUERJ.